

# ESTRATÉGIAS DE LEITURA UTILIZADAS POR ALUNOS SURDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA COMO SEGUNDA LÍNGUA

Izabelly Correia dos Santos Brayner <sup>1</sup>

## RESUMO

A leitura é uma ferramenta fundamental para uma participação ativa na sociedade, pois ela oferece o acesso à educação e à cultura e, conseqüentemente, a integração social. O panorama da educação dos surdos nos remete aos repetidos insucessos de crianças, jovens e adultos na aquisição dos conhecimentos que circulam na escola, enfatizando a língua portuguesa escrita como veículo de acesso para as outras disciplinas. Os PCNs de língua portuguesa mencionam que os alunos, ao concluírem o ensino fundamental, deverão estar familiarizados com as atividades de leitura, no entanto, os alunos surdos, conforme as pesquisas de Garolla e Chiari, geralmente, não atingem esses níveis. Diante dessas colocações, o objetivo desse trabalho é analisar as estratégias de leitura utilizadas por alunos surdos do ensino fundamental no processo de aquisição da língua portuguesa escrita como segunda língua. Os resultados da pesquisa apontam o uso de quatro (04) estratégias nas atividades de leitura realizadas, sendo elas: busca a mediação da Libras para a língua portuguesa, faz emprego do sinal em diferentes contextos, busca explicações gramaticais durante a leitura e faz consultas ao texto para confirmar suas hipóteses. Esperamos que a discussão estabelecida direcione os profissionais que atuam na educação de surdos para revisar as estratégias utilizadas no processo de leitura. Esperamos facilitar a criação de novas perspectivas para o ensino de surdos, além de contribuir para a valorização da leitura como estratégia que permite a ampliação do conhecimento de mundo e a melhoria do capital linguístico dos surdos.

**Palavras-chave:** Leitura, Libras, Língua Portuguesa como segunda língua, Estratégias.

## INTRODUÇÃO

A habilidade de escrever proporciona o acesso à educação, cultura, política e a diversos setores da sociedade. Ela desempenha um papel vital em nossa participação na sociedade, a qual é composta por uma variedade de pessoas, culturas, histórias, idiomas e formas de comunicação distintas entre si.

Dessa forma, a comunidade surda, que se caracterizam como uma minoria linguística na nossa sociedade, tem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como principal meio de comunicação e que recebeu seu reconhecimento no ano de 2002, através da Lei nº 10.436.

Nessa ótica, defende-se que a abordagem educacional mais indicada para orientar os profissionais que trabalham na educação de surdos em nosso país é o Bilinguismo. Conforme

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Linguagem, docente da Universidade de Pernambuco – UPE, [izabelly.brayner@upe.br](mailto:izabelly.brayner@upe.br)

delineado por Lacerda (1998), o Bilinguismo é conceitualmente descrito como uma filosofia que advoga pela integração plena da língua de sinais no contexto educacional, reconhecendo-a como uma condição essencial. Simultaneamente, aprofundar o conhecimento da língua portuguesa, especialmente em sua forma escrita, é destacado como um meio para fomentar o desenvolvimento completo e seguro da expressão linguística, proporcionando um domínio linguístico abrangente.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar as estratégias de leitura utilizadas por alunos surdos do ensino fundamental no processo de aquisição da língua portuguesa escrita como segunda língua. A pesquisa foi realizada no Grupo de Estudos e Práticas de Linguagem para Surdos (GEPLIS) da Universidade Católica de Pernambuco, que foi criado em 2015, e tem como objetivo acolher alunos surdos do ensino fundamental, com o propósito de aprimorar suas habilidades de leitura e escrita em Língua Portuguesa. Desde a sua fundação, o grupo tem se dedicado a realizar diversas ações interdisciplinares com o compromisso de divulgar questões relacionadas à surdez e à educação, bem como de propor alternativas que contribuam para o seu desenvolvimento acadêmico e social.

Ao descrever as atividades do GEPLIS e ponderar sobre a leitura e a educação bilíngue para surdos, emergiram reflexões sobre o desenvolvimento da leitura em língua portuguesa por esse grupo, que ainda estão aquém de níveis significativos. Isso ressalta a necessidade de investigações que explorem estratégias para aprimorar essa habilidade linguística e, por conseguinte, facilitar o acesso ao conhecimento.

## **METODOLOGIA**

Tratou-se de um estudo de caráter qualitativo, sendo o percurso metodológico orientado por Bardin (2016). A pesquisa foi realizada no banco de dados do GELPIS sediado na Universidade Católica de Pernambuco – Unicap.

Foram analisadas 15 (quinze) oficinas com os surdos que participam frequentemente do GEPLIS. A seleção dos sujeitos seguiu os seguintes critérios: surdos que utilizam a Libras como meio de comunicação; alfabetizados ou em processo de alfabetização; participantes regulares do GEPLIS; de ambos os sexos; com idades entre 12 (doze) e 20 (vinte) anos.

Para a concretização do objetivo proposto, foram delineadas as seguintes fases que se completam:

1. Na primeira fase, foi realizado um levantamento bibliográfico que possibilitou a fundamentação teórica da pesquisa, além do planejamento das estratégias empregadas na fase seguinte.

2. Traçamos o perfil dos sujeitos a partir do seu desenvolvimento escolar e seu domínio da Libras e da Língua Portuguesa.

3. Aplicação das oficinas e agrupamento às atividades de leitura a partir dos gêneros textuais empregados.

4. E, mapeamos as estratégias utilizadas pelos surdos para compreensão do texto lido.

A pesquisa em questão integra o projeto intitulado "Construindo sentido contextual: diálogo em Sinais sobre a leitura e a escrita em Língua Portuguesa", aprovado pelo Comitê de Ética sob o número 242180-FON-028-2014/8. Assim, os participantes e/ou seus responsáveis são previamente informados sobre os objetivos e as atividades do grupo, assegurando que não sofrerão danos ao optarem por não continuar participando do GEPLIS. Além disso, suas identidades serão preservadas, sendo substituídas por uma designação de letras.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Segundo Souza (2013), a busca por uma educação bilíngue para surdos tem sido coordenada em nível nacional por meio dos Movimentos Surdos Brasileiros. Estes movimentos defendem a implementação de um sistema educacional que priorize a língua de sinais como principal meio de comunicação, juntamente com a língua portuguesa escrita como ferramenta para acesso ao conhecimento. Essa demanda é evidenciada em diversos documentos, como o Plano Nacional de Educação (2014), o Plano Nacional de Educação e as Políticas Locais para Implementação da Educação Bilíngue para Surdos (2016), entre outros.

Para pensarmos na construção de uma educação bilíngue para surdos, muitos são os desafios, e Kail (2013) refere que ao refletirmos sobre a educação para essa comunidade devemos levar em consideração alguns aspectos.

A população de crianças surdas é marcada por uma grande heterogeneidade. O grau de deficiência auditiva, a idade do dano sensorial, o estatuto auditivo dos pais (surdos ou ouvintes), os métodos de comunicação utilizados (oral exclusivo, linguagem falada completada, ou LFC, língua de sinais), bem como o tipo de escolaridade (escola especializada ou escola inclusiva) constituem os principais fatores capazes de influenciar a aquisição da língua (Kail 2013, p. 96).

Os pontos enfatizados pela autora evidenciam as dificuldades de acesso à primeira língua (L1) durante o período crítico para a aquisição da linguagem - a primeira infância. No entanto, a realidade demonstra que os surdos frequentemente adquirem a L1 em estágios posteriores, enquanto a segunda língua (L2) é assimilada de maneira fragmentada em ambientes escolares, muitas vezes enfrentando o ensino da L2 como se fosse a L1. Considerando isso, a utilização simultânea das duas línguas no contexto escolar para surdos requer uma análise minuciosa dos aspectos linguísticos da Libras, bem como das questões pedagógicas relacionadas ao ensino e aprendizagem dessa comunidade. Reconhecemos que a implementação de uma abordagem educacional bilíngue acarreta diversas transformações, especialmente nas instituições de ensino, demandando uma adaptação de toda a comunidade escolar. O objetivo é garantir a inclusão efetiva das pessoas surdas e proporcionar-lhes condições favoráveis para adquirir conhecimento.

A educação de surdos na perspectiva bilíngue toma uma forma que transcende as questões puramente linguísticas. Para além da língua de sinais e do português, esta educação situa-se no contexto de garantia de acesso e permanência na escola. Essa escola está sendo definida pelos próprios movimentos surdos: marca fundamental de consolidação de uma educação de surdos em um país que se entende equivocadamente monolíngue. O confronto se faz necessário para que se constitua uma educação verdadeira: multilíngue e multicultural. Assim, no Brasil, o “bi” do bilinguismo apresenta outras dimensões (Quadros 2015, p. 198).

Conforme a autora, embora comumente se pense que o nosso país seja monolíngue, ele é, na verdade, permeado por diversas línguas, incluindo a língua de sinais, línguas indígenas e línguas alóctones. Portanto, a introdução de um sistema educacional bilíngue para surdos constitui uma iniciativa para romper com o monolinguismo presente nas instituições escolares.

Segundo o Relatório que subsidia a Política Linguística de Educação Bilíngue – Libras e Língua Portuguesa (Brasil, 2014), a implementação de uma educação bilíngue demanda a criação de ambientes linguísticos que favoreçam a aquisição da Libras como língua materna (L1) durante o período crítico de desenvolvimento linguístico, enquanto o português é introduzido como segunda língua (L2). Nesse contexto, enfatiza-se que a língua de sinais deve ser aprendida e empregada pelos surdos desde a infância, antes mesmo de ingressarem na escola, visando estimular o desenvolvimento de seus processos cognitivos e linguísticos. Em outras palavras, propõe-se que a língua de sinais seja adotada como a primeira língua para os surdos.

Uma das principais preocupações dessa abordagem é estabelecer um plano educacional no qual as crianças surdas desenvolvem a Língua Brasileira de Sinais como sua língua materna, por meio da interação comunicativa com professores surdos, proficientes e nativos em Libras. Ao mesmo tempo, as crianças são expostas ao ensino de uma segunda língua (L2), que pode ser oral e/ou escrita, ministrada por professores ouvintes, proficientes e nativos em língua portuguesa e também proficientes em Libras.

Assim, a educação bilíngue requer investimentos na formação de professores capacitados para trabalhar com alunos surdos, na elaboração de um currículo escolar que inclua a Libras desde a educação infantil, na adaptação física das instalações para criar ambientes linguísticos propícios para a aquisição da L2 e na utilização da Libras como língua de comunicação nas salas de aula. Estas são algumas das medidas que ainda precisam ser implementadas para avançar na efetiva implementação da educação bilíngue.

### **A construção do processo de leitura em língua portuguesa por surdos**

Ao defender e disseminar as propostas educacionais bilíngues para surdos, a L1 desempenha o papel de intermediária na comunicação, enquanto a L2 oferece acesso aos conteúdos escritos na língua nacional. Dessa forma, nas práticas de leitura realizadas por surdos, ambas as línguas estão envolvidas no processo. Muitos estudos sobre esse tema destacam a predominância de práticas que desvalorizam a L1 — a Libras — como meio de construção de significados. Isso ocorre, por exemplo, em salas de aula onde os professores utilizam principalmente o português como meio de comunicação, seja por desconhecimento da Libras ou por favorecer a língua majoritária do país. Além disso, quando não há a presença de intérpretes/tradutores de Libras nessas salas, as leituras tendem a ocorrer de maneira descontextualizada, dificultando o estabelecimento de uma relação direta entre as palavras em português e os sinais em Libras (Silva, 2014).

Mendes e Novaes (2003) concordam que os surdos retratados nas pesquisas publicadas geralmente são identificados como leitores pouco proficientes. Os resultados desses estudos indicam que os surdos enfrentam dificuldades na compreensão de textos escritos e frequentemente não atingem níveis de leitura satisfatórios para o nível escolar em que estão, como evidenciado no estudo de Garolla e Chiari (2003), mencionado anteriormente.

Em linhas gerais, Mendes e Novaes (2003) conseguiram classificar a literatura examinada nesta pesquisa em três perspectivas distintas: a) trabalhos que buscam definir as características e as dificuldades de leitura enfrentadas pelos surdos; b) estudos que enfatizam

a importância do desempenho acadêmico e da leitura; c) e, embora em menor número, pesquisas que iniciam discussões sobre estratégias para melhorar a compreensão leitora dos surdos, conforme proposto por nós.

Adota-se nesta pesquisa a perspectiva de que a leitura é um processo cognitivo de construção de sentidos, como propõem Koch (2011), Solé (1998), Leffa (1996) e Morais (2013). Esse posicionamento coloca a leitura em um local a ser definido pelos sujeitos, que constroem seus padrões, expectativas e argumentos em relação ao texto a ser lido.

Considerando a diversidade e particularidades da surdez e dos surdos, o processo de leitura abarca diversos aspectos e modalidades distintas. Quando consideramos esses aspectos, incluímos a formação da língua materna (L1), a proficiência verbal e/ou escrita (L2) e o conhecimento prévio. Tais elementos podem ser cultivados por meio de estratégias, visto que, conforme observado por Bittencourt et al. (2015), a habilidade de ler e compreender é adquirida (ou não) por meio da educação e requer intervenções didáticas específicas e direcionadas.

Nesse contexto, o processo de mediação proposto por Vygotsky é fundamental, pois a aprendizagem da leitura necessita de apoio e, considerando que esta tese se dirige à comunidade surda, o planejamento de intervenção pedagógica deve ser adaptado às necessidades individuais dos alunos.

Além das contribuições do autor mencionado, Bakhtin/Volochinov (1929/2006) destacam o caráter social da linguagem e a atividade cognitiva que é moldada por meio dela. Assim, os surdos desenvolvem uma organização mental distinta da dos ouvintes, uma vez que está associada à modalidade visoespacial da Língua de Sinais, que serve como base para a construção de seu conhecimento.

A partir da fundamentação teórica apresentada nesta seção, observamos que, nas práticas de leitura experimentadas no GEPLIS, os surdos adotavam diferentes tipos de leitura, categorizados como: leitura silenciosa, leitura sinalizada, leitura usando a datilologia e leitura sinalizada-datilológica.

A leitura silenciosa, conforme definida no glossário do Ceale (UFMG, 2014), é realizada visualmente, sem o uso da voz ou de sinais.

- A leitura sinalizada, como descrita por Silva (2014), envolve o reconhecimento vocabular, buscando sinais correspondentes a palavras no texto, operando sob a suposição de uma relação direta entre a Libras e o português. Nessa modalidade, a sinalização segue a

estrutura gramatical do português, embora alguns elementos desse idioma que não existem na Libras não sejam sinalizados, como artigos, conectivos e preposições.

- A leitura utilizando a datilologia consiste em soletrar cada palavra do texto utilizando o alfabeto manual da Libras, seguindo a ordem gramatical do português.

- Por fim, a leitura sinalizada-datilológica é uma combinação da sinalização das palavras do texto conforme a ordem gramatical do português, enquanto elementos como artigos, conectivos e preposições são soletrados utilizando a datilologia.

Dessa forma, com base nessas definições dos tipos de leitura utilizados pelos surdos no GEPLIS, é crucial que as práticas de leitura estejam alinhadas com a proposta de Geraldi (1996), que enfatiza que a abordagem adotada pelo professor/mediador deve estar profundamente integrada à concepção de linguagem adotada. Portanto, para perceber a linguagem como o ambiente de criação de relações sociais, o processo de leitura progride de uma atividade mecânica para a construção de uma compreensão dos significados transmitidos pelos textos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de cumprir um dos objetivos desta pesquisa, foram executadas 15 (quinze) oficinas, explorando diferentes gêneros textuais, nos quais foram trabalhados ambientes de leitura e produção de diferentes textos, estimulando e explorando as estratégias de compreensão leitora de Bittencourt (2015), como descrito no quadro 01.

**Quadro 01 – Descrição das atividades**

encontros	atividades
01-	Visitação a biblioteca
02	Jornal impresso.
03	Histórias em quadrinhos
04	Cordel – homenagem ao dia dos namorados
05	Jornal – digital
06	Escolha do livro
07	História em quadrinhos – sobre o futebol
08	Sequência lógica
09	Escrita da própria história
10	Mapa para trabalhar o que sabemos sobre os países
11	Acontecimentos importantes da semana – caso do assassinato dos alunos na escola - texto impressa.

12	Atividade em vídeo com o preenchimento da ficha de leitura.
----	---

Fonte: a autora.

A investigação das temáticas considerou que os participantes surdos do GEPLIS utilizam a Libras como língua materna (L1) e o português escrito como segunda língua (L2), conforme advoga Lacerda (1998). Diante disso, surgem possíveis adaptações às estratégias existentes ou o desenvolvimento de novas abordagens de leitura, além das propostas pela autora, uma vez que estas, assim como as apresentadas na pesquisa de Solé (1998), são direcionadas a falantes das línguas orais como L1. Nessa perspectiva, a L1 na forma escrita se torna a L2 para a comunidade surda.

Durante as oficinas, os participantes demonstraram uma boa interação com a leitura e a exploração de elementos não textuais (como imagens, vídeos, desenhos...), empregaram estratégias diversas e basearam-se em seus conhecimentos prévios para responder às perguntas. Isso indica uma ampliação dos horizontes de conhecimento vivenciados na proposta de leitura, como sintetizado no quadro 02.

**Quadro 02:** Estratégias de leitura na língua portuguesa como L2

Antes da leitura	Durante a leitura	Depois da leitura
1. Explícita a mobilização dos conhecimentos prévios relativos ao autor, ao suporte e ao tema. 2. Antecipa o tema ou a ideia principal do título ou recursos visuais e elementos como epígrafes ou resenhas 3. Antecipa o conteúdo a partir da formatação do gênero (disposição em colunas, uso de subtítulos, etc.) 4. Identifica os objetivos da leitura (ler para aprender, para se informar, para deleite etc.)?	5. Lê com velocidade e fluência adequada? 6. Procura esclarecer palavras através da releitura do trecho ou da consulta ao dicionário; 7. Busca informações complementares em outros textos para ampliar sua compreensão; <b>8. Busca a mediação da leitura em Libras para a língua portuguesa;</b> <b>9. Faz emprego do sinal em diferentes contextos;</b> <b>10. Busca explicações gramaticais durante a leitura.</b>	11. É capaz de construir uma síntese coerente do texto lido; 12. Relaciona partes do texto para construir os sentidos; 13. Identifica e recupera as informações implícitas no texto, realizando inferências; 14. Avalia criticamente o texto lido; 15. Identifica e recupera as informações explícitas; <b>16. Faz consultas ao texto para confirmar suas hipóteses.</b>

Fonte: a autora

Assim, a verificação da melhoria do desempenho da leitura em língua portuguesa pelos sujeitos surdos foi possível identificar três (3) tipos de leitura: silenciosa, sinalizada e usando a datilografia, que se mantiveram durante toda a pesquisa. As duas primeiras formas de

leitura possibilitam a compreensão dos textos lidos em língua portuguesa, enquanto a leitura usando a datilologia, não assegura o entendimento do texto lido na L2, resultando em uma leitura fragmentada e comprometendo a sua compreensão.

Além dos diferentes tipos de leitura, os sujeitos fizeram uso de estratégias para ler os textos em língua portuguesa, como: *busca a mediação da leitura em Libras para a língua portuguesa; faz emprego do sinal em diferentes contextos; busca explicações gramaticais durante a leitura; e, faz consultas ao texto para confirmar suas hipóteses*. Tais estratégias despertaram o nosso interesse, pois, através delas, poderíamos verificar se as mesmas permaneciam nos momentos de leitura durante toda a pesquisa.

Também foi Observado que os participantes ampliaram suas habilidades de leitura, pois exploraram os elementos que serviram de suporte ao texto (imagens, títulos, filmes...), repetiram o uso das estratégias utilizadas na avaliação, e transitaram por outra, como: a antecipação ao tema ou a ideia principal do título ou recursos visuais (BITTENCOURT, 2015).

Durante as práticas de leitura, os participantes alternam entre duas línguas continuamente. Mesmo que inicialmente se baseiam na relação entre sinal e palavra, a construção de significados progride e as estratégias emergem como ferramentas para a interpretação. O emprego dessas estratégias auxilia na compreensão do texto, seja ele escrito ou apresentado de forma imagética. Sob a perspectiva sociointeracionista, os participantes, de maneira ativa, constroem o significado do texto, estabelecendo a relação entre autor, texto e leitor (KOCH, 2011; BAKHTIN/VOLOVHINOV, 1929/2006; GERALDI, 1996).

Durante o processo de intervenção, identificamos algumas dificuldades enfrentadas pelos surdos ao realizar a leitura, tais como palavras escritas em português que possuem grafias semelhantes, termos em português que podem ter múltiplos significados na Libras e falta de prática na escrita em língua portuguesa. Estes foram os principais obstáculos identificados que poderiam prejudicar a compreensão dos participantes. No entanto, diante dessas dificuldades, os participantes recorrem às estratégias disponíveis para facilitar a compreensão do texto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O foco desta pesquisa é a comunidade surda que utiliza como meio de comunicação a Libras, língua que adquire naturalmente e que lhe proporciona uma melhor compreensão do

mundo. Por estarem inseridos em uma sociedade que faz uso de uma língua distinta da sua, a língua portuguesa configura-se como a segunda língua dos surdos brasileiros.

Na proposta de leitura vivenciada foi possível atingirmos objetivo da pesquisa, pois foram identificados os tipos de leitura utilizados pelo grupo, que foram: silenciosa, sinalizada e usando a datilologia, que se mantiveram durante toda a pesquisa. A partir desse dado, percebe-se que dos dois primeiros tipos de leitura auxilia a compreensão e o terceiro, infelizmente compromete o entendimento da pessoa surda sobre o texto lido.

Sobre as estratégias utilizadas pelos surdos antes, durante e depois do processo de leitura em língua portuguesa como L2, que foram condensadas no quadro 02, dentre todas as estratégias encontradas, destaca-se *busca a mediação da leitura em Libras para a língua portuguesa; faz emprego do sinal em diferentes contextos; busca explicações gramaticais durante a leitura; e, faz consultas ao texto para confirmar suas hipóteses*, como fundamental para a ampliação dos conhecimentos de mundo e do capital linguístico, na Libras e na língua portuguesa, pois os sujeitos empregam o léxicos em contextos diferentes, de forma ter a consciência do seu significado e como aplicado em diferentes situações.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN/VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 1929/2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BITTENCOURT, Z. A. (Org). **A compreensão leitora nos anos iniciais**: reflexões e propostas de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BROCHADO, S. M. D. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira**. Tese (Doutorado) – UNESP. Assis, 2003.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**. Brasília, 24 de abril de 2002, 181º da Independência e 114º da República. Disponível em:  
<<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=234606>>. Acesso em: 12 mai. 2024.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 22 de dezembro de 2005, 184º da Independência e 117º da República. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 12 mai. 2024.

BRASIL. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF., 26 jun 2014. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm).

CEALE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Educação. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014.

GAROLLA, L. P.; CHIARI, B. M. **Protocolo para avaliação da compreensão de leitura em crianças deficientes auditivas**. Pró-Fono: Revista de Atualização Científica, Barueri, SP, v. 15, n. 3, p. 325-334, set./dez. 2003.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

KAIL, M. **Aquisição de linguagem**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2013.

KOCH, I. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 2011.

LACERDA, C. B. F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos**. Caderno Cedes, Campinas, v. 19, n. 46, 1998.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1996.

MENDES, B. C. A.; NOVAES, B. C. A. C. **Oficina de leitura com adolescentes surdos: uma proposta fonoaudiológica**. In: BERBERIAN, A. P.; MASSI, G. A.; GUARINELLO, A. C. (Org.). Linguagem Escrita: referenciais para a clínica fonoaudiológica. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

MORAIS, J. **Criar leitores**: para professores e educadores. Barueri, SP: Manole, 2013.

PEREIRA, M. C. C.; KARNOPP, L. B. **Concepção de leitura e de escrita na educação de surdos**. In: LODI, A. C. B. et al. In: Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre: Mediação, 2012.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. [reimpr. 2007]. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. **O “BI” em bilinguismo na educação de surdos**. In: LODI, Ana Claudia Balieiro et al. Letramento, bilinguismo e educação de surdos. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015, p. 187-200.

- SOUZA, R. M., **Considerações preliminares sobre os impactos das conquistas do movimento surdo brasileiro nas políticas educativas de formação de professores para a educação básica no Brasil.** Políticas Educativas, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 61-83, 2013.
- SILVA, G. M. da. **O processo de ensino-aprendizagem da leitura em uma turma de alunos surdos: uma análise das interações mediadas pela Libras.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, out./dez. 2014.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.